

# Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

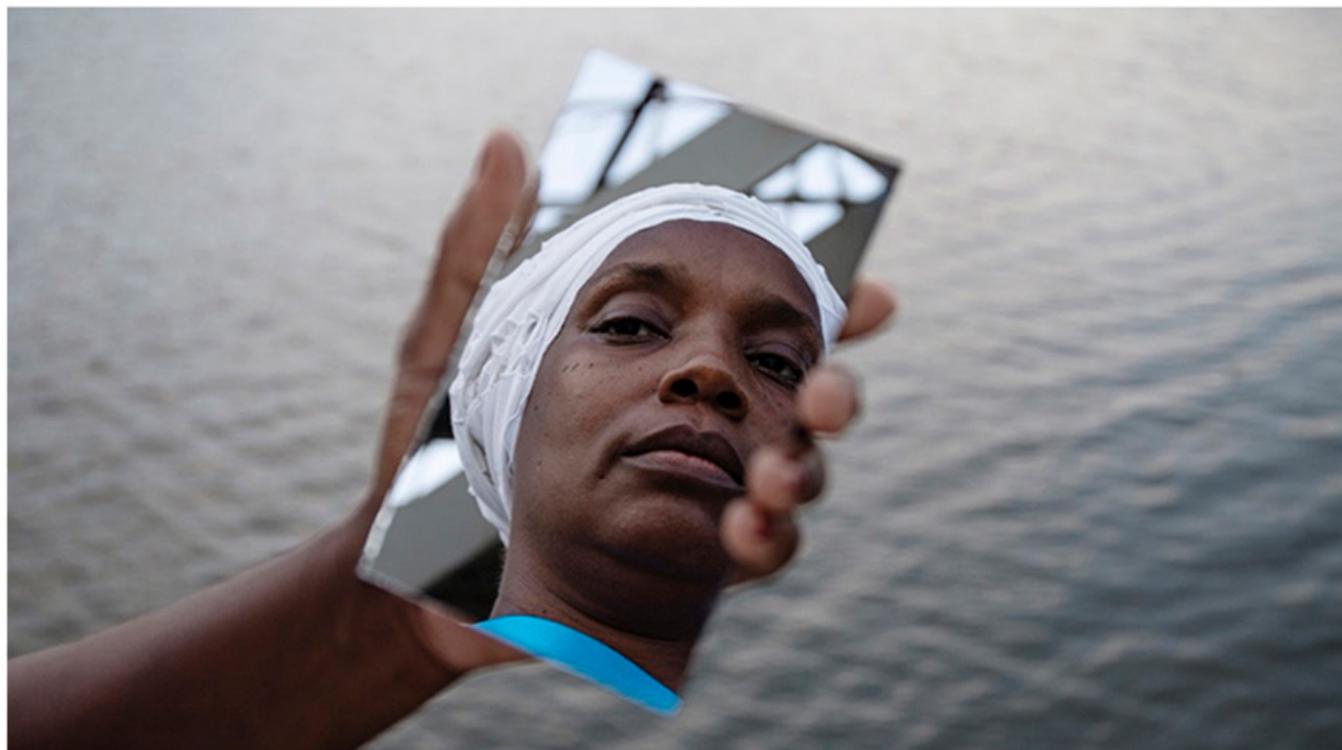


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

## Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



# Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

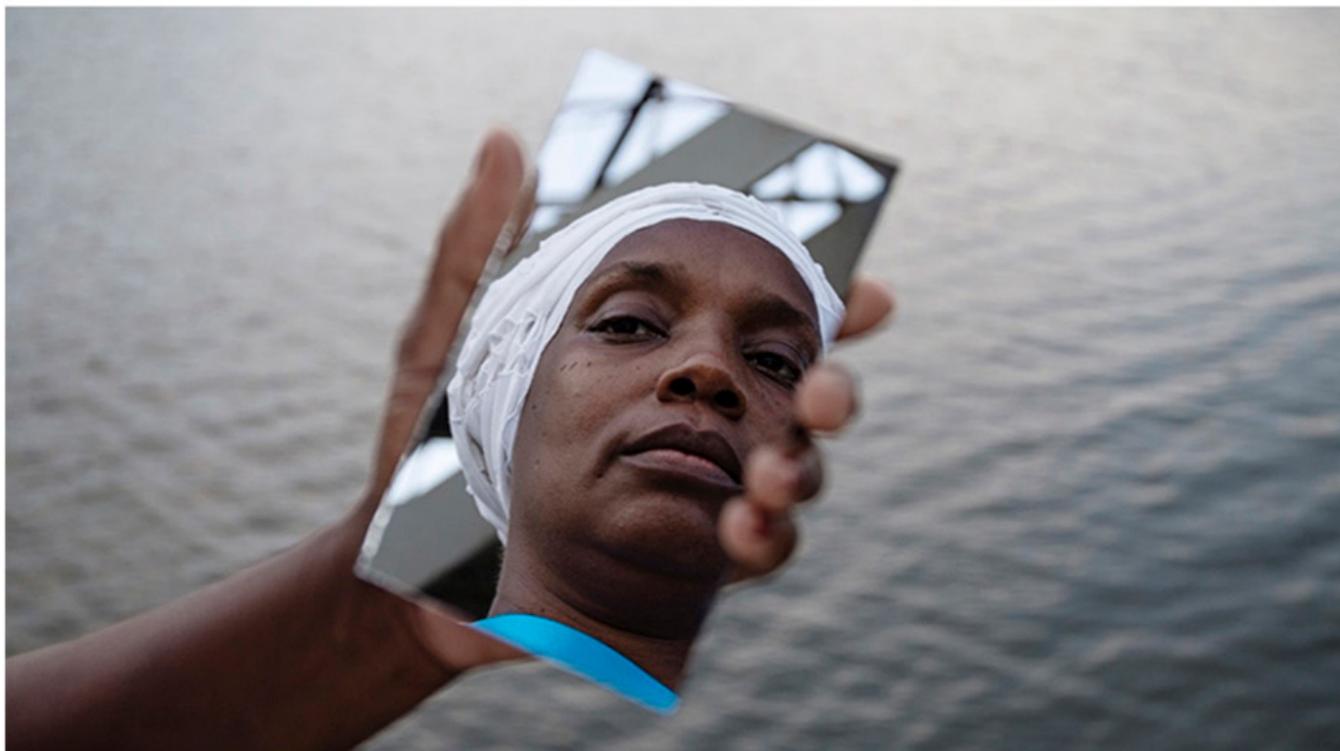


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

## Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Organização



Apoio



## 42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)

**PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memorian*)** – Walter Zanini

### **DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)**

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)  
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)  
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)  
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

### **DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)**

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)  
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)  
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)  
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022**

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)  
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)  
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)  
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)  
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)  
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)  
Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)  
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)  
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

### **COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022**

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)  
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)  
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)  
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)  
Rita Lages (UFMG/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022**

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)  
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)  
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)  
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)  
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA**

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)  
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)  
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)  
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

**IMAGEM:** Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

**DIAGRAMAÇÃO:** Thaís Franco

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail: [cbha.secretaria@gmail.com](mailto:cbha.secretaria@gmail.com)

# Por uma nova proposta historiográfica da arte e tecnologia brasileira

Manoela Freitas Vares, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/  
<https://orcid.org/0000-0001-9084-0107>  
manu.vares@gmail.com

Nara Cristina Santos, Universidade Federal de Santa Maria/Membro CBHA  
<https://orcid.org/0000-0003-4968-2738>  
naracris.sma@gmail.com

## Resumo

O artigo procura enfatizar a importância de uma historiografia acerca da produção de Arte e Tecnologia no Brasil, utilizando como recorte metodológico o ambiente institucional acadêmico. Para isso, analisa a produção dos Grupos de Pesquisa de docentes vinculados a Programas de Pós-Graduação de universidades públicas do país, pois entendemos que eles são os principais responsáveis pelo aumento circunstancial da produtividade na área desde 1980 até 2020. Desse modo, uma das contribuições dessa historiografia é demonstrar como a área continua se desenvolvendo exponencialmente, mesmo frente a uma diminuição dos incentivos públicos à pesquisa na universidade, especialmente no campo artístico e no da Arte e Tecnologia, procurando ressaltar a importância da manutenção desses recursos para a sua existência.

**Palavras-chave:** Historiografia. Arte e Tecnologia. Arte brasileira. Arte na universidade.

## Abstract

The article seeks to emphasize the importance of a historiography about the production of Art and Technology in Brazil, using the academic institutional environment as a methodological approach. For this, it analyzes the production of Research Groups of professors linked to Graduate Programs of public universities in the country, as we understand that they are the main responsible for the circumstantial increase in productivity in the area from 1980 to 2020. In this way, one of the contributions of this historiography is to demonstrate how the area continues to develop exponentially, even in the face of a decrease of public incentives for research at the university, especially in the artistic field and in the one of Art and Technology, seeking to emphasize the importance of the maintaining of these resources for its existence.

**Keywords:** Historiography. Art and Technology. Brazilian Art. Art at the university.

Inicialmente, gostaríamos de esclarecer o que entendemos por historiografia, nos aproximando de algumas reflexões. Sob um ângulo mais geral nos identificamos com o modo que Costa e Silva (2019) pensam a prática da pesquisa de cunho histórico, entendendo-a a partir de três eixos principais, que são o fato histórico, o documento ou fonte histórica e a análise ou reflexão histórica. O primeiro representa o objeto da história, ou de várias, que será interpretado por um ponto de vista particular, a depender de quem as escreve. O segundo, serve para atestar a existência do primeiro - ele complementa o conhecimento que temos sobre o fato inserindo-o em um contexto. O terceiro é o trabalho do historiador, que é fundamental para a discussão de historiografia uma vez que é a análise pessoal do objeto e de seu contexto. Sobre o último ponto, consideramos que ele reflete as particularidades e a abordagem que cada historiador deseja destacar, conferindo caráter diversificado às historiografias que são propostas. Destacamos que as escolhas pessoais de cada um são baseadas na influência dos diferentes contextos nos quais estão inseridos. Neste sentido, a definição que mais se aproxima do que ponderamos para uma historiografia é a de Michel de Certeau (1982), quando ele afirma que

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam. (CERTEAU, 1982, p. 56)

O campo de estudo historiográfico é composto por indivíduos e escritas que têm características próprias. Cada pesquisador, historiador ou outro profissional que se proponha a realizar contribuições à História a partir de um determinado objeto de estudo, será responsável primeiramente, por decidir qual o enfoque de sua pesquisa e segundo, encontrar as metodologias de trabalho que possibilitarão o seu melhor desenvolvimento. Isso inclui refletir sobre os modos de organização, seleção e disposição dos acontecimentos, pessoas, fatos, documentos e objetos históricos que ele deseja evidenciar através de sua escrita.

Nesta proposta de historiografia, a primeira de nossas escolhas a fim de selecionar um enfoque se dá em torno da produção de Arte e Tecnologia digital que é desenvolvida exclusivamente dentro do contexto das universidades públicas do país. As necessidades de produzir e refletir sobre o fazer artístico, concomitantemente, que são atividades solicitadas dentro destes lugares, têm contribuído para a geração de materiais documentais que podem ser utilizados pelos historiadores. Selecionamos

ainda, o período histórico que consideramos representativo da produção no Brasil, contemplando quatro décadas: de 1980 a 2020.

Daisy Peccinini faz uma importante constatação afirmando que já durante a década de 1980, “as universidades, os museus e os institutos de pesquisa têm um papel de ancoragem das operações artístico-tecnológicas devido às facilidades de equipamentos e projetos de pesquisa relacionados à inteligência artificial”. (PECCININI *apud* DOMINGUES, 1997, p. 204) Destacamos que entre os citados pela pesquisadora, são as universidades as responsáveis por fornecer espaço para a formação de novos pesquisadores, bem como empregar aqueles que já a possuem; prover local para a realização de pesquisas de ordem prática e também teórica; repassar verbas públicas destinadas à educação a fim de possibilitar o desenvolvimento de projetos de ensino, pesquisa e extensão e também, permitem a troca entre diferentes profissionais, aproximando até mesmo aqueles que vêm de áreas diferentes. Além disso, Suzete Venturelli mapeia que

Esse apoio possibilitou o surgimento de vários laboratórios de caráter inovador, que muitas vezes substituíram os antigos ateliês convencionais das escolas de belas-artes. Atualmente, os laboratórios das Universidades federais e estaduais mais ativos e com mais produção se encontram na Universidade de Brasília, na Universidade de Campinas (Unicamp) e na Universidade Federal do Rio de Janeiro. [...] Conquistamos, nas instituições, um novo espaço físico e intelectual para a experiência de caráter exploratório. Como descrito anteriormente, nesses laboratórios formam-se grupos de pesquisa, com professores e alunos inseridos nessa nova ordem mundial, na qual poderão atuar como membros ativos, mediante a ação implementada com projetos criativos, numa visão humanista integrada com os recursos desenvolvidos pela tecnologia. (VENTURELLI, 2004, p. 72)

O laço com os institutos e centros de pesquisa, principalmente no Brasil, em conjunto com o crescimento do número de pesquisadores, faz aumentar cada vez mais a produção em Arte e Tecnologia ao longo das décadas. Esse fato contribui para a legitimação da área, pois há significativa produção, com pesquisadores que se destacam por suas obras e atuações através dos seus Grupos de Pesquisa.

Os professores pesquisadores Gilberto Prado, Milton Sogabe e Yara Guasque (2018) demarcam a atuação de artistas considerados os pioneiros da Arte e Tecnologia no país e sua importância para o desenvolvimento da área de Artes, principalmente através de seu trabalho junto à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Da mesma maneira, ressaltam a relevância dos Programas de Pós-Graduação para o desenvolvimento de uma nova geração de artistas.

Desse modo, entendemos os elementos que constituem esse contexto universitário como 1) Programas de Pós-Graduação, que contribuem para a formação de profissionais

na área, e são onde atuam os 2) docentes que realizam produção de Arte e Tecnologia no país através dos 3) Grupos de pesquisa. Esse contexto é responsável por grande parte da produção em Arte e Tecnologia no Brasil, e por isto consideramos importante mapeá-la e valorizá-la através de uma proposta de historiografia.

Portanto, partimos de uma opção metodológica para as Artes, que visa entender primeiro o seu contexto. Isso permite-nos refletir como a área se organiza e se distribui no cenário nacional. Assim, produzimos um levantamento de dados com informações coletadas a partir dos sites dos principais órgãos de fomento federais à pesquisa, acessando a Plataforma Sucupira da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e buscando através do Coleta Capes os Programas de Pós-Graduação na área de Artes no Brasil e os docentes que neles atuam. Em um segundo momento, pesquisamos através do Currículo Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) os nomes dos docentes, a fim de encontrar aqueles com produções na área específica de Arte e Tecnologia. Após, com outra base de dados do CNPq, o seu Diretório de Grupos de Pesquisa, pesquisamos os nomes dos docentes e selecionamos, após alguns recortes, os grupos dos quais são responsáveis ou integrantes, que detém produção exclusivamente em Arte e Tecnologia digital.

Com esses dados organizados e analisados, conseguimos verificar que grande parte dos pesquisadores realizaram as suas formações em universidades públicas, e através delas a maioria recebeu, para o desenvolvimento de pesquisas em suas pós-graduações, o fomento dos órgãos públicos. Posteriormente, o mesmo suporte é concedido a suas pesquisas desenvolvidas através dos Grupos de Pesquisa que são realizadas através de projetos.

Para o modelo de historiografia proposto, após as análises dos dados, selecionamos oito grupos para que pudéssemos nos aproximar mais de suas produções, com base em três critérios específicos, que são 1) a data de origem, considerando apenas aqueles que ainda encontram-se ativos, 2) a região do país em que estão localizados, a fim de conseguir uma representatividade a nível nacional e 3) a relevância de suas produções para o desenvolvimento do campo.

Acerca do terceiro critério, entendemos que ela pode ser estabelecida com base nas produções, em quais poderiam ser mais consolidadas. Inicialmente, pensamos que talvez ela possa ser guiada pela quantidade, no entanto, sabemos que com a atual necessidade de uma hiperprodução acadêmica exigida pelos órgãos de fomento, nem sempre ela é um fator que pode determinar isto sozinho. Desse modo, nos cabe a observação de - a partir da aproximação destas produções, entender quais delas fazem

diferença no âmbito da História da Arte e da historiografia. Em relação ao que, por exemplo, suas produções - tanto do ponto de vista teórico, através da proposição e da consolidação de novos conceitos, reflexões e modificações que trazem a esses campos, como também através de sua produção prática, ao pensar em que seus trabalhos, obras e/ou projetos - têm a contribuir.

A grande maioria dos grupos realiza suas colaborações através da união desses dois aspectos, à medida em que seus integrantes produzem obras a partir de projetos anteriores, artigos a partir de obras, estudos a partir da própria produção que geram ideias para novos trabalhos, e assim por diante. Pode-se afirmar, então, que a relevância, nesta pesquisa, está em perceber quais os grupos que, através dessas pesquisas, realizam de fato mudanças significativas no campo da Arte.

O Arte Computacional (1986) é um dos primeiros grupos a serem criados na cidade de Brasília, na UnB que se caracterizava por ser, na época, uma pioneira em vários sentidos para a Arte e Tecnologia. O seu programa de pós-graduação é um dos primeiros a ter uma linha de pesquisa específica para a área já durante a década de 1980 e desde então, apenas 5 programas o acompanharam, até 2020. Destaca-se neste sentido, a atuação dos professores e o interesse de cada um deles na área, mesmo que ainda pouco difundida no Brasil, que foram essenciais para o seu desenvolvimento.

As atividades do grupo sempre demonstraram interesse na exploração de novos recursos tecnológicos e trabalhos principalmente desenvolvidos em torno da Arte Computacional. Ele é formado por professores, alunos de graduação e pós-graduação, e a sua produção define-se pela premissa de cada um dos pesquisadores aproximar-se da tecnologia que deseja empregar em seu trabalho, aprendendo a utilizar seus recursos nas obras.

Ressaltamos a importância de seus projetos que realizam ações de extensão, levando a oportunidade de interação com a tecnologia até regiões periféricas e marginais. Além disso, promovem ações que são expostas fora daqueles locais tradicionalmente utilizados pela Arte e Tecnologia, realizando muitas obras no ambiente das cidades, com destaque para suas atuações na cidade de Brasília e em São Paulo. Além de seu pioneirismo, o grupo esteve ativo durante todo o período analisado, contribuindo significativamente para a legitimação da Arte e Tecnologia no país.

O Territorialidade e Subjetividade (1999) surge no final da segunda década estudada. Salientamos que sua produção é exclusivamente teórica, com notáveis publicações em torno do conceito de sistema da Arte. Consideramos relevantes as contribuições de seus estudos em torno do mapeamento da Webarte desenvolvida internacionalmente e no Brasil, acerca das questões que elas reverberam para o campo e para a sociedade. Por

ela ser uma linguagem relativamente nova, até então não havia sido muito aprofundada nos estudos dos pesquisadores do país.

O grupo é formado por professores e alunos que organizam e desenvolvem projetos dentro da universidade, com fomento de órgãos públicos, cujos resultados podemos encontrar online através da construção de sites especializados.

O grupo Poéticas Digitais (2002), foi fundado em um momento em que a Arte e Tecnologia já era um pouco mais difundida através da atuação de outros grupos, em termos de produção prática. No entanto, distingue-se a sua atuação com obras que exploram questões de cunho social, produzidas coletivamente por professores e alunos, que são pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Sua produção artística é reconhecida por ter adquirido um caráter internacional e é detentora de grande parte de premiações de iniciativa privada, lugar que ocupa junto ao grupo Arte Computacional.

O Poéticas Tecnológicas: corpo audiovisual (2004) é um grupo da região nordeste que se caracteriza por suas pesquisas em torno do corpo e suas relações com a tecnologia em produções práticas, mas também pela organização de diversos eventos, inclusive internacionais, na área. Especial destaque merece a disponibilização de *workshops*, oficinas e outras atividades que promovem o ensino e aprendizado através de práticas profissionais que são incluídos na programação tanto nos eventos organizados por eles, quanto naqueles oferecidos por outrem.

O Arte e Tecnologia - Laboratório de Pesquisa Arte Contemporânea, Tecnologia e Mídias Digitais (2005) é formado por professores e alunos, cujas produções acontecem principalmente através da organização de eventos e exposições, mas o espaço além disso, estimula práticas individuais, principalmente relacionadas a pesquisas de alunos de pós-graduação. Em suas produções mais recentes, principalmente através do trabalho em conjunto de professores de outras áreas do conhecimento, evidenciamos as pesquisas em torno das questões entre Arte, Ciência e Tecnologia que são abordadas nos eventos e em exposições organizadas por eles. Também, a implantação do Museu Arte, Ciência e Tecnologia (MACT), que se torna local para exposições na área.

O cAt - ciência/ARTE/tecnologia (2009) caracteriza-se pelo fato de que é formado em sua maioria por pessoas que já integravam outro grupo de artistas não institucionalizado no CNPq - o Sciarts. No entanto, os professores integrantes sempre mantiveram vínculo com instituições acadêmicas, sendo considerados pesquisadores experientes na área e que inclusive já receberam premiações de instituições e fomentos de iniciativas privadas por seus trabalhos. Como o próprio nome já determina, suas produções giram em torno de questões oriundas da Arte, Ciência e Tecnologia.

O NANO - Núcleo de Arte e Novos Organismos (2010) realiza pesquisas em torno da mesma tríade disciplinar, com foco maior na utilização de elementos da natureza ou que se aproximem deles, de alguma maneira. Ele é composto por professores e alunos e caracteriza-se como um grupo que possui extensa produção prática, realizando também a organização de eventos que possibilitam práticas experimentais de laboratório e projetos constituídos por ações que estendem as questões estudadas em ambiente acadêmico para comunidades mais isoladas, integrando os seus conhecimentos em trabalhos artísticos.

O último grupo selecionado, o Lab Techné (2016) é formado por professores e estudantes, com pesquisas que possuem expressiva preocupação de cunho ambiental. A sua produção prática concentra-se em grande parte em torno da valorização da flora local da cidade onde está localizado, que são as Mangueiras. Destaca-se inclusive, a organização de um evento exclusivo para que artistas possam refletir coletivamente sobre as questões teóricas que advém de suas produções.

Em uma análise sobre o estímulo através de fomentos para a produção, em busca do crescimento e da legitimação da área no Brasil, quando pensamos sobre esses grupos percebemos que existem algumas diferenças entre aqueles que surgiram em anos iniciais, para aqueles que foram formalizados recentemente. Os primeiros são os responsáveis pela consolidação e da Arte e Tecnologia no Brasil. Eles enfrentam desafios maiores que dizem respeito ao estabelecimento e inserção da área, principalmente quando a pensamos dentro do contexto da Arte Contemporânea. Acreditamos que esses grupos dos anos iniciais de produção conseguiram obter êxito em obter espaço, com o apoio do ambiente universitário, para a exposição de obras, bem como da discussão de ideias e conceitos por meio de eventos, além de publicações importantes geradas a partir destas reflexões.

Ao longo do tempo, com o maior desenvolvimento da área, os grupos que são criados posteriormente encontram um cenário mais propício no que se refere às possibilidades e incentivos à produção, uma vez que a iniciativa privada se demonstra muito interessada em fomentar a Arte e Tecnologia, motivação alimentada em parte devido à curiosidade das pessoas pela tecnologia, sobre o caráter de entretenimento que os trabalhos poderiam assumir. Neste sentido, encontramos outro tipo de fomento, onde os grupos também foram subsidiados em suas pesquisas através das premiações destas iniciativas privadas. Os artistas relatam, inclusive, que muitas vezes os recursos financeiros obtidos através de uma premiação eram utilizados para a produção de outros trabalhos. No entanto, em décadas mais recentes, mesmo com a ampliação evidente do campo da área de Arte e Tecnologia no país, percebemos a extinção desses prêmios e incentivos, restando aos pesquisadores a opção de continuar a depender

exclusivamente do apoio que sempre obtiveram, que é aquele provido pelos órgãos públicos de fomento, através das pesquisas realizadas exclusivamente no âmbito das universidades. Em suma, os recursos públicos destinados à produção do conhecimento que são obtidos através de projetos escritos pelos docentes com pesquisas inseridas nos Grupos de Pesquisa e/ou nos Programas de Pós-Graduação. Esses projetos podem ser de ensino, de pesquisa e/ou de extensão e são atualmente os principais meios de angariar recursos para a produção de Arte e Tecnologia.

Devemos assinalar, entretanto, que os próprios recursos destinados à educação, com repasses às universidades públicas estão sendo veemente reduzidos. Há também os cortes significativos que foram feitos em relação ao estímulo de Cultura nos últimos anos, especialmente com a extinção do seu Ministério e, com isso, os editais que eram ofertados por ele. Isso ratifica a importância do enfoque escolhido por esta historiografia, ao evidenciar a produção de Arte e Tecnologia que ocorre exclusivamente dentro do contexto universitário, primeiro porque ela representa grande parcela de toda a produção do país; segundo porque essa produção só foi possível grande parte devido aos recursos públicos.

### **Considerações finais**

É de nosso conhecimento que inúmeros foram os esforços dos docentes, junto a seus Programas de Pós-Graduação e Grupos de Pesquisa, além de outros profissionais, para defender inclusive, que a área de Arte e Tecnologia precisaria ser considerada de um modo mais específico, à parte, sob o ponto de vista do recebimento de recursos federais e de outras instituições de fomento, porém estas necessidades não foram atendidas.

Fazer o reconhecimento da produção pelo viés institucional das universidades públicas em uma proposta de historiografia é uma escolha política, pois ao evidenciá-la, desejamos estimular a sua valorização. É importante defender a continuação - e até mesmo ampliação - do estímulo e apoio financeiro para a área de Arte e Tecnologia, principalmente por meio de iniciativas públicas, através de investimentos na educação e cultura, que se encontram em constante declínio.

## Referências

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 1982.

SOUSA, Francisco das Chagas de Loiola. Diálogos com Michel de Certeau sobre pesquisa nas Ciências Humanas. **Revista Crítica Histórica**, 2011. Disponível em: <<https://xdocz.com.br/doc/dialogos-com-michel-de-certeau-qoeyljg6ykn6>>.

PECCININI, Daisy. **Ideário e sintaxe**: perspectivas para a história da Arte e Tecnologia das três últimas décadas do século. In: DOMINGUES, Diana. A arte no século XXI: a humanização das tecnologias. São Paulo: Unesp, 1997.

PRADO; Gilberto; SOGABE, Milton; GUASQUE, Yara. Breve História – *Artistic Research in Brazil*. **Journal for Artistic Research**. 20 de maio de 2018. Disponível em: <<https://wANNwww.jar-online.net/breve-historia-artistic-research-brazil>>.

VENTURELLI, Suzete. **Arte**: espaço\_tempo\_imagem. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

### Como citar:

VARES, Manoela Freitas; SANTOS, Nara Cristina. Por uma nova proposta historiográfica da arte e tecnologia brasileira. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 103-111, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.006>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>